

DAVID GROSSMAN

Fora do tempo

Tradução

Paulo Geiger



Copyright © 2011 by David Grossman

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Nofel mi-jutz la-zman

Capa

warrakloureiro

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Ana Maria Barbosa

Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grossman, David

Fora do tempo / David Grossman ; tradução Paulo Geiger.
— 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original:Nofel mi-jutz la-zman.

ISBN 978-85-359-2156-4

1. Ficção israelense 1. Título.

12-08784

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura israelense 892.43

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Na hora em que estão sentados à mesa do jantar, o rosto do homem de repente se transforma: num movimento brusco ele empurra o prato a sua frente. Facas e garfos tilintam. Ele se levanta e fica de pé, e parece não saber onde está. A mulher se sobressalta em sua cadeira. O olhar dele paira em volta dela e não se fixa, e ela — já a atingira uma vez a desgraça — sente de imediato, eis aí outra vez, já toca em mim, seus dedos frios em meus lábios. Mas o que aconteceu? Ela sussurra com os olhos, e o homem olha para ela com espanto —

- Eu preciso ir.
- Para onde?
- Para ele.
- Para onde?
- Para ele, para lá.
- Para o lugar onde aconteceu?
- Não, não. Para lá.
- O que é lá?
- Não sei.

- Você está me assustando.
- Para vê-lo só mais um instante.
- Mas o que vai ver agora? O que restou para ver?
- Talvez lá se possa ver? Talvez até falar com ele?
- Falar?!

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E agora os dois se dão conta.
Despertam.

- A sua voz, mulher.
- Ela voltou. A sua também.
- Tive tanta saudade da sua voz.
- Pensei que nós... que jamais, nunca mais —
- Mais do que da *minha* voz, tive saudade da sua.
- Mas o que é *lá*, pode me dizer? Não há um lugar assim, não existe lá!
- Se vão para lá, *lá* existe.
- E não voltam de lá, ninguém voltou ainda.
- Porque só mortos foram para lá.
- E você, como irá?
- Eu irei para lá vivo.
- E não vai voltar.
- Talvez ele espere que vamos até ele.
- Ele não. Já faz cinco anos que ele é só não e não.
- Talvez ele não comprehenda como desistimos dele assim, tão depressa, no momento em que nos comunicaram...
- Olhe para mim. Nos meus olhos. O que está fazendo conosco? Sou eu, você vê? Somos nós, nós dois. Esta é nossa casa. A cozinha. Vem, sente aqui. Vou servir a sopa.

HOMEM:

É bela —
tão bela —

é bela
a cozinha
nesta hora dela
quando você serve a sopa
e aqui é quente e ameno, e o vapor
cobre a vidraça fria
da janela —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Talvez por causa dos anos de longo silêncio, sua voz é rouca, extingue-se num murmúrio. Ele não tira dela os olhos. Ele a olha tanto que a mão dela comeca a tremer.

HOMEM:

E mais belos que tudo seus braços,
redondos, macios,
a vida está aqui,
querida,
por um momento esqueci:
a vida está no lugar
em que você
serve a sopa
sob o círculo de luz.

Bom ter lembrado:
estamos aqui
e ele lá,
e há uma fronteira eterna
entre aqui
e lá.

Por um momento esqueci —
estamos aqui
e ele —

*mas não é possível
mais é impossível!*

MULHER:

Olhe para mim. Não,
não com esse olhar
vazio,
contido.

Volte para mim, para nós,
volte. Fácil,
tão fácil renegar
a nós, o círculo
de luz, esses
braços macios,
a ideia de que voltamos
à vida,
e de que o tempo
apesar de tudo
põe curativos
finos —

HOMEM:

Não, não é possível mais
assim,
não é possível mais
que nós,
que o sol,
que os relógios, as lojas, os bares,
que a lua,
os casais, os pares,
que árvores nas aleias
verdejantes, que sangue

nas veias,
que primavera e outono,
que gente
inocente
existente
no mundo.

Que filhos
dos outros,
que sua luz
e calor —

MULHER:

Cuidado,
você tem ideias
tão frágeis
como teias —

HOMEM:

À noite eles chegaram
trazendo na boca
a nova.

Longo caminho fizeram,
graves, calados,
e talvez durante
provavam, lambiam
a nova, furtivamente.

Num espanto de crianças
constataram que se pode reter
a morte na boca como
uma bala
de veneno, à qual eles por milagre
são imunes.

Abrimos para eles a porta,
esta aí, aqui estávamos,
você e eu,
ombro a ombro,
e eles
no umbral
e nós
diante deles
e eles
piedosamente
contidos
e silenciosos
ali de pé
sopraram em nós
o vento
dos mortos.

MULHER:

Era um silêncio terrível.
Em volta tritava um fogo
frio. Eu disse:
esta noite viriam,
senti-o. Pensei:
venha, o caos, o vazio.

HOMEM:

De algures, de longe,
ouvi você dizer:
não temam,
quando ele nasceu
não gritei, tampouco agora
gritarei.

MULHER:

Nossa vida de antes
continuou
a brotar em nós
uns minutos mais.
A fala,
os gestos,
expressões faciais —

HOMEM E MULHER:

Agora
num instante, não mais,
afundamos
os dois. Calamos
com palavras iguais.
Não por ele
choramos,
o canto da vida
antes vivida
choramos, o admiravelmente
simples, a
leveza, o
rosto
liso e
sem rugas.

MULHER:

Mas nos prometemos,
juramos,
ser, sofrer
por ele, ter saudades
e viver.

E agora, espere,
o que houve, de repente,
para que você assim
se dilacere?

HOMEM:

Depois daquela noite
veio um estranho e segurou
meu ombro e falou: salve
o que restou.
Lute,
tente curar.
Olhe nos olhos
dela, grude
nos olhos dela,
todo o tempo
nos olhos dela —
sem descurar.

MULHER:

Não volte para lá,
àqueles dias não deve
voltar mais,
não volte seu olhar
para trás —

HOMEM:

Naquele escuro eu vi
a minha frente um olho
choroso
e um olho
enlouquecido.

O olho de um homem
terminal
e o olho
de um animal.
Animal já metade
na boca da fera,
uma presa dessangrando,
desvairando,
de teus olhos me encarava —

MULHER:
A terra
abriu sua boca,
a nós engoliu
e vomitou.
Não volte
para lá, para
o que o seduz,
não saia
um passo sequer
do círculo de luz —

HOMEM:
Não pude, não
ousei olhar
então seu olhar,
aquele olho
enlouquecido,
de você não estar —

MULHER:
Não vi você,

não vi
nada
nem no olho do homem
nem no olho
do animal. A raiz
de minh'alma arrancada
num calafrio.
Frio, fazia muito frio
também agora
faz frio.
Venha dormir,
o agora é tardio.

HOMEM:
Cinco anos
calamos
aquela noite.
Sumiu você primeiro,
depois sumi eu.
Em você foi bom
o silêncio, e em mim
me apertou
a garganta. E uma
após outra morreram
as palavras, e ficamos
como uma casa
em que lentamente se apagam
todas as luzes,
até que se fez
a escuridão da mudez —

MULHER:
E nela

de novo o achei,
e a ele. Envolveu
nosso trio
um manto sombrio,
enrolados nele estávamos
com ele, e mudos estávamos
como ele. Três
fetos que a tragédia
concebeu —

HOMEM:

E juntos
nascemos
no outro lado,
sem
palavras, sem
cores, e aprendemos
a viver
o negativo
da vida

(silêncio)

MULHER:

Olhe,
de palavra em palavra
o algo secreto entre nós
se esgarça, se dissolve
como um sonho
que a luz de um luzeiro
ilumina. Pois havia no calar
um milagre,

e um segredo no silêncio
que nos tragou, junto com ele,
em que ficamos sem voz
como ele, em que falamos
na língua dele.

E o que têm as palavras —
o que tem a sorte
das palavras
a ver com sua morte?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: No silêncio que cai depois do grito dela o homem recua até suas costas tocarem a parede. Em movimentos lentos, como a dormir, ele estende os dois braços para os lados e caminha ao longo da parede. Contorna a pequena cozinha, em toda a sua volta —

HOMEM:

Conte,
me conte
de nós
naquela noite —

MULHER:

Sinto aqui algum
segredo: você rasga
as ataduras para
poder beber
o seu sangue, ração
no caminho
para lá.

HOMEM:

Aquela noite,

me conte
de nós
na noite
aquela —

MULHER:
Você
me
rodeia como
um predador. Me cerca
como um pesadelo.
Aquela
noite, a noite
aquela.
Você quer ouvir sobre
aquela noite.
Nestas cadeiras sentamos,
você sentou
aí, eu aqui. E você
fumou, eu me lembro
do seu rosto vindo
e indo na fumaça, e lentamente
ficando um pouco
menos, menos
você, menos
gente.

HOMEM:
Calados
aguardamos a manhã.
Manhã
não
veio.